



JOSÉ MIGUEL PINTO DOS SANTOS  
Professor de Finanças, [AESE](#)

## A diferença

Há mais de trinta anos que o Governo não consegue equilibrar um orçamento. De há dez anos para cá que a despesa pública é quase o dobro da receita fiscal. Mas mesmo assim o povo geme debaixo de uma carga tributária que alguns políticos, quer da oposição quer da área do Governo, dizem uns ser um confisco, outros um roubo. Há mais de vinte anos que o crescimento económico é anémico, não ultrapassando um ou dois por cento ao ano nos melhores períodos e saltitando de recessão em recessão nos outros. Em recessão a farsa é sempre a mesma: a oposição, as confederações patronais e os sindicatos berram que é necessário crescer mais e o Governo dá-lhes o biberão do costume: mais despesa pública. Como os mimos vão para os mais hábeis, para os mais fortes e para os mais amigos, uns engordam enquanto a maioria apenas sobrevive. Porém, é notório que a desigualdade cresce numa sociedade que se considerava, muito justamente, como sendo uma das mais igualitárias do mundo. Seja por egoísmo, por hedonismo ou por descrença no futuro, o facto é que há muito que poucos querem ter filhos. Esta é uma das causas do rápido envelhecimento da população, que leva a ninguém acreditar na sustentabilidade do sistema de Segurança Social, o que, por sua vez faz com que os trabalhadores mais

novos considerem as suas contribuições como sendo lixo, algo que se deita fora e nunca mais se vê. Entretanto, a dívida pública vai crescendo e já ultrapassou os duzentos por cento do produto interno bruto. E o país está em crise.

E o que acontece com os juros da dívida pública? Há quinze anos que não param de baixar! Cinco por cento em 1993, três por cento em 1996, dois por cento em 2002 e um por cento hoje. Como pode isto acontecer no Japão e não em Portugal? A grande diferença é uma: os deficits públicos no Japão acompanham, quase que simetricamente, as poupanças do sector privado. Dito de outro modo, o sector privado, no Japão, produz mais do que consome e tem receitas superiores às despesas, o que origina poupança, quer nas famílias quer nas empresas. São estas poupanças que são usadas para financiar o deficit público. A proporção da dívida pública japonesa na posse de investidores estrangeiros é negligenciável. Existe uma grande diferença entre pedir dinheiro emprestado a um filho ou a um vizinho. O Estado japonês pediu emprestado aos seus filhos, o português aos vizinhos... Poupando os portugueses menos que os japoneses, a capacidade de endividamento interna do Estado português é inferior à do japonês. Mas conhecer os limites que temos faz parte do bom senso que devíamos ter.